



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA  
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**CILÍCIA COELHO FRAGOSO**

**NOS CAMINHOS DAS ÁGUAS: MULHERES ATINGIDAS PELA ENCHENTE DE  
1980 E A USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO (UHE) – EM FILADÉLFIA-TO  
(2019 Á 2025).**

ARAGUAÍNA-TO

2025

**CILÍCIA COELHO FRAGOSO**

**NOS CAMINHOS DAS ÁGUAS: MULHERES ATINGIDAS PELA ENCHENTE DE  
1980 E A USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO (UHE) – EM FILADÉLFIA-TO  
(2019 Á 2025).**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), no Centro de Ciências Integradas (CCI), para obtenção de título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Kênia Gonçalves Costa.

**Araguaína, TO**

**2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT  
**Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C672n Coelho Fragoso, Cilícia.

Nos Caminhos das Águas: Mulheres Atingidas pelo Fenômeno Natural e Antrópico da Usina Hidrelétrica de Estreito (UHE) – em Filadélfia - TO, entre os Anos de 1980 à 2020 / Cilícia Coelho Fragoso. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2025.

36 f.

Monografia Graduação (Graduação - em Geografia ) --  
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientadora: Kênia Gonçalves Costa.

1. Mulheres. 2. Enchente de 1980. 3. UHE Estreito (MA).

**CDD 910**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Cilicia Coelho Fragoso

**NOS CAMINHOS DAS ÁGUAS: MULHERES ATINGIDAS PELA ENCHENTE DE  
1980 E A USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO (UHE) – EM FILADÉLFIA-TO  
(2019 Á 2025).**

Trabalho de conclusão de curso apresentada á UFNT –  
Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de  
Ciências Integradas (CCI), – Araguaína (TO), Curso de  
Licenciatura em Geografia, foi avaliado para obtenção do título  
de Licenciada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e  
pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente



**KENIA GONCALVES COSTA**

Data: 19/05/2026 17:32:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profa. Dra. Kênia Gonçalves Costa**  
**GEOGRAFIA/UFNT - Professora Orientadora**

Documento assinado digitalmente



**LUIZ GUSTAVO MEIRA BARROS**

Data: 21/05/2026 19:08:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Luiz Gustavo Meira Barros**  
**GEOGRAFIA/UFNT - Membro Interno da banca**

Documento assinado digitalmente



**IZARETE DA SILVA DE OLIVEIRA**

Data: 22/05/2026 09:01:16-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profa. Ms. Izarete da Silva de Oliveira, SEDUC-TO/PPGCULT-UFNT**  
**SEDUC-TO/UFNT - Membro Externa da banca**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado até aqui, pois sem Ele nada disso teria acontecido, parei por 5 anos pois após à morte da minha mãe, não conseguia escrever, travei em todos os sentidos, ansiedade dominou e foi mais difícil, e esse ano me achei mais a Ele, e Ele me deu força para continuar.

Agradeço em memória minha Mamãe (**Inês Coelho da Costa Fragoso**), que sempre sonhou com esse momento, a qual foi inspiração para escreve na voz das mulheres, pela sua força, pelos seus ensinamentos e por sua criação.

Meu Papai (**José Bento Fragoso Filho**), que independente de tudo sempre quis que eu finalizasse e me formasse.

Em especial quero agradecer a **Suzanny Alves da Silva**, que foi uma pessoa que segurou minha mão em todos os momentos, bons ou ruins, não me deixou desanimar e me incentivou a seguir, que acompanhou de perto toda essa trajetória.

Agradeço todos meus professores do curso, em especial a professora **Kênia Gonçalves**, por ter continuado e me ajudado a finalizar esse trabalho, o professor **Luciano Guedes** por sempre falar “bora terminar”, e me aconselhar sempre quando ia no meu trabalho.

Por fim agradeço meus amigos que acreditaram em mim, em especial minha menina **Adrielle** que foi uma pessoa que me incentivou muito e me deu força e as mulheres que deram as entrevistas e falaram das suas vivencias, cada uma teve um papel importante na minha vida e para que esse trabalho tivesse forma.

Gratidão pela vida de cada um que fez parte disso tudo.

## RESUMO

Este estudo investiga a cidade de Filadélfia (TO), localizada na região norte do Estado, que fica margens do Rio Tocantins, explorando os dois eventos a enchente de 1980 e Usina Hidrelétrica de Estreito (MA), acontecidos pelas águas do Rio Tocantins, pelas lentes das quatro mulheres, que foram entrevistadas e descreveram os acontecimentos e toda a mudança na área urbana de Filadélfia (TO). Analisamos sobre suas falas o primeiro fenômeno natural a enchente 1980, que trouxe uma proporção gigantesca de água alagando a cidade e fazendo deslocamento rápido para a parte alto da cidade para se abrigarem, até conseguirem retornar as suas casas. Já em 2010 veio um evento antrópico a construção da UHE Estreito, trazendo consigo mudança no lugar, na paisagem e na vida das mulheres. Resultando que com os fatos que aconteceram e suas relevâncias de muita grandeza na vida das mulheres atingidas e suas famílias modificaram seus modos de vida o que veio a desencadear uma série de mudanças no lugar, no cotidiano e nas suas vidas, trazendo consigo o sentimento de saudade e afeto pelos seus lugares onde viveram.

**Palavras-chaves:** Mulheres, Enchente de 1980, UHE Estreito (MA), Lugar, Paisagem.

**LISTA DE FIGURAS**

	Página
Figura 01. Municípios que foram atingidos pela Usina Hidrelétrica de Estreito (MA).	10
Figura 02. UHE na fase inicial e com o represamento vigente.	11
Figura 03. Igreja Matriz Nossa Senhora do Perpétuo Socorro- Filadélfia (TO).	12
Figura 04. As cidades de Carolina (MA), Filadélfia (TO) e o Rio Tocantins antes do barramento e em 2019.	13
Figura 05. Área de estudo atualmente	21
Figura 06. Município de Filadelfia (TO)	22
Figura 07. Igreja Matriz e onde ficou a água na enchente de 1980.	23
Figura 08. Área urbana e alagada depois da inundação do reservatório.	24
Figura 09. Registro da área alagada.	26
Figura 10: Praia de Filadélfia (TO), em 2008	29

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
2. ÁREA URBANA DE FILADÉLFIA (TO) E OS EPISÓDIOS DE 1980 E 2010 .....	20
2.1. HISTÓRICO, ESPACIALIZAÇÃO, DE FILADELFIA (TO).....	20
2.2. FILADÉLFIA(TO) NA DÉCADA DE 1980 .....	23
2.3. FILADÉLFIA (TO) NA DÉCADA DE 2010 .....	25
3. ÁGUAS EM FILADÉLFIA (TO) .....	27
3.1. O LUGAR E ÁREA URBANA DE FILADÉLFIA (TO) NO PERÍODO DE 1980 A 2010	28
3.2. ÁGUAS E MEMÓRIAS E AS MULHERES EM FILADÉLFIA (TO) .....	30
4. CONSIDERAÇÕES .....	35
REFERÊNCIAS .....	36

## 1. INTRODUÇÃO

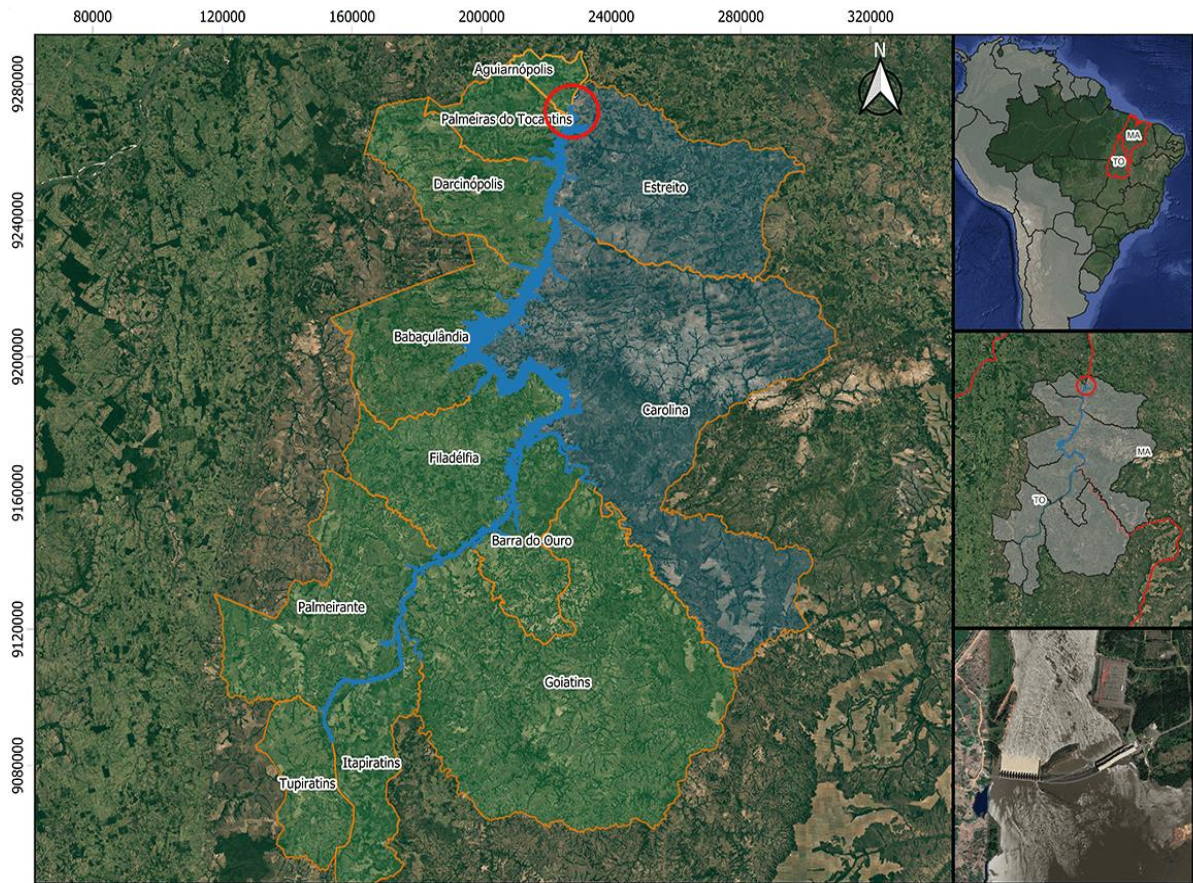
Filadélfia (TO), fica localizada à margem esquerda do Rio Tocantins, fazendo divisa com a cidade de Carolina no Estado do Maranhão. O município de Filadélfia está a 512 km da capital Palmas, foi criado no ano 1948, no último censo possui uma população estimada de 7.712 pessoas, uma área territorial de 1991,258 km<sup>2</sup>, uma área urbana de 2,60 km<sup>2</sup> e inserida no bioma Cerrado (IBGE, 2022).

O presente trabalho tem como objetivo trazer as vivências e histórias de 4 (quatro) mulheres as quais foram atingidas pelos eventos tanto natural quanto antrópico pelas águas do Rio Tocantins nos anos de 1980 e 2010, e entender como as águas e as memórias fazem parte da vida dessas 4 mulheres atingidas pelas águas na área urbana de Filadélfia (TO).

A Usina Hidrelétrica de Estreito (UHE) que tem sua localização no município de Estreito (MA), foi identificada como a maior entre as 45 usinas licitadas entre 1998 e 2002, é uma obra realizada com investimentos da ordem de R\$ 3,6 bilhões e faz parte do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal. Quando estiver em pleno funcionamento terá a capacidade para gerar 1.087 megawatts de energia, foi iniciando em 2011 e 2012 as operações gradualmente até o pleno funcionamento das 8 (oito) turbinas assegurando uma média de produção de 641,1 MW na fronteira Maranhão-Tocantins, no Rio Tocantins.

No entanto, sua implantação criou um lago com 434 km<sup>2</sup> de terras inundadas que atingiu diretamente 200 mil habitantes presentes em treze municípios; nomeadamente: Carolina e Estreito no estado do Maranhão e Aguiarnópolis, Babaçulândia, Barra do Ouro, Darcinópolis, Filadélfia, Goiatins, Itapiratins, Palmeirante, Palmeiras do Tocantins e Tupiratins no Tocantins. Este lago irá possuir extensão de 260,23km, com superfície total de 744,69 km<sup>2</sup> e vazão de 5,4 trilhões de metros cúbicos (EIA/RIMA, 2005). Como previsto nos estudos está unidade geradora já se encontra em pleno funcionamento, em 2010, em maio inicia o barramento do rio e dezembro o enchimento do reservatório.

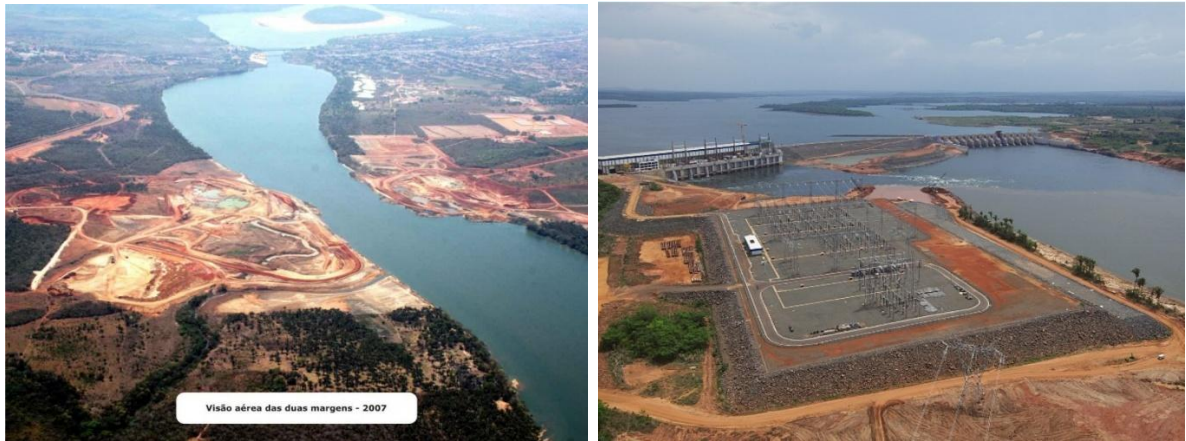
Figura 01. Municípios que foram atingidos pela Usina Hidrelétrica de Estreito (MA).



Fonte: Google, 2025. Disponível em <<https://uhe-estreiro.com.br/o-empresendimento/municipios.html>>  
Acesso: em 02 dez. 2025.

De acordo com Santiago (2014, p. 23), “[...] Cerca de oito mil trabalhadores envolveram-se diretamente com a finalização da construção da UHE, que obteve investimentos na ordem de R\$ 4 bilhões e terá uma potência instalada de 1.087 MW [...]”. Dado o exposto e segundo o autor, os direitos da implementação da barragem já haviam sido conquistados pelo CESTE em 2002, através de um leilão realizado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL). As empresas multinacionais estavam envolvidas no processo de construção da usina, como na exploração dos recursos naturais, visando o crescimento econômico (Figura 02).

Figura 02. UHE na fase inicial e com o represamento vigente.



Fonte: CESTE, 2017

O município de Filadélfia (TO) é marcado pelo clima da estação chuvosa muito intensa e uma estação seca bem definida, sendo a chuva não distribuída igualmente ao longo do ano, tendo uma precipitação de 75% anual concentrada nos primeiros meses do ano. Na estação chuvosa (verão/outono) nos meses de novembro a abril, a cidade recebe a maior parte da chuva anual, tendo os meses de janeiro, fevereiro e março mais chuvosos. Já na estação seca (inverno/primavera) entre junho a agosto é a seca mais severa com praticamente nenhuma chuva.

O rio Tocantins é vital para a economia e o lazer em Filadélfia (TO), tem parte fundamental na sua identidade, história e desenvolvimento econômico. A história do rio na cidade é marcada por evento climático extremo em 1980 o qual o município foi atingido por uma das maiores cheias da história, relacionada enchente do rio Tocantins. Já em 2010 o município é alagado pela formação do lago da Usina Hidrelétrica de Estreito (MA), construída rio abaixo, na divisa com o estado do Maranhão. Fazendo assim alteração na paisagem e na dinâmica econômica de parte do território

Esta pesquisa originou de memórias de 04 (quatro) mulheres atingidas pelas águas na área urbana de Filadélfia (TO) a primeira se dá no ano de 1980, Filadélfia sofreu com a inundação provocada pelas águas do Rio Tocantins, no qual foi um

fenômeno natural. Foram atingidas praticamente 70% das residências, em que a maioria das casas eram feitas com um material frágil, conhecido como barro cru, às águas chegaram a altura de 30 cm dentro da igreja matriz da cidade, a Igreja Matriz Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Figura 03), sendo a única a não ser totalmente danificada.

Figura 03. Igreja Matriz Nossa Senhora do Perpétuo Socorro- Filadélfia (TO).



Fonte: FRAGOSO, 2019

Já em meados de 2010, o município sofreu com outra inundação devido a criação da UHE (Usina Hidrelétrica de Estreito), formando assim o lago no Rio Tocantins. Trazendo consigo vários impactos nas áreas atingidas, modificando a paisagem e o lugar. Ocorrendo também o deslocamento compulsório, modificando os hábitos dos ribeirinhos, com a formação do lago que resultou na eliminação da praia, interferiu nos hábitos da população ribeirinha de contexto urbano (Figura 04).

Figura 04. As cidades de Carolina (MA), Filadélfia (TO) e o Rio Tocantins antes do barramento e em 2019.



Fonte: Google Earth, 2019, 1ª antes da barramento (2009), 1B depois da barragem (2019).

Na figura 4A podemos observar claramente como era o município de Filadélfia (TO) em 10/02/2009, antes da construção Hidrelétrica de Estreito (UHE) e na figura 4B destaca a porção que representa a cidade de Filadélfia (TO) em 21/06/2019, após a construção da Usina Hidrelétrica de Estreito (UHE) ao lado esquerdo do Rio Tocantins. O processo de desterritorialização dos povos ribeirinhos proporcionou inúmeras dificuldades no que diz respeito à própria sobrevivência deste povo, e aos seus modos de vida, uma vez que tais mudanças provocaram a diminuição da quantidade de espécies de peixes que outrora serviam de alimento para estas populações. O processo de desalojamento destas comunidades está longe de ser fácil, pelo contrário, torna-se doloroso uma vez que se quebram laços e modos de vida que estas populações possuem com o rio, pois o este torna-se sentido de vida, cotidiano e sobretudo meio de sobrevivência.

A realização desta pesquisa está diretamente relacionada com várias mudanças obtidas sobre a cidade de Filadélfia (TO), com estes impactos, tendo como base as mulheres e suas histórias com água. Mostrando no decorrer da realidade o que essas mulheres sofreram e sofrem com as perdas e danos, tanto material, como sentimental. Falando também sobre como ficou a cidade pós enchente e pós barragem e suas mudanças na paisagem e no lugar, mostrando as trajetórias e vivências, e o que às águas do Rio Tocantins causou sobre a cidade de Filadélfia (TO) e sobre as vidas dessas 04 (quatro) mulheres.

O presente trabalho relata a história de 4 (quatro) mulheres discutindo e mostrando os danos causados pela enchente de 1980 e pela instalação da UHE (Usina Hidrelétrica de Estreito) na cidade de Filadélfia (TO), tendo em vista o sentimento das mulheres, que foram tiradas dos seus territórios e deslocado para outro lugar, no qual tiveram que se reabilitar para reconstruir suas vidas. Tem como objetivo também, historicizar os eventos que ocorreram no núcleo urbano de Filadélfia (TO) em relação ao Rio Tocantins, trazendo para a realidade atual, ou seja, o que ficou ou como ficou a cidade após esses eventos do rio e as mudanças no lugar e na paisagem da mesma.

Nesse trabalho temos como objetivo de espacializar a história de Filadélfia (TO), os dois eventos das águas, tanto na natural como antrópico na cidade, que foi a enchente de 1980 e a UHE (MA), discutindo e mostrando os danos causados na área urbana tendo em vista o sentimento das mulheres, que foram tiradas dos seus

territórios e deslocado para outro lugar, no qual tiveram que se readaptar para reconstruir suas vidas. Bem como também, historicizar os eventos que ocorreram no núcleo urbano de Filadélfia (TO) em relação ao Rio Tocantins após esses eventos do rio e na paisagem da cidade.

Essa pesquisa faz um diálogo com o ensino de geografia e suas categorias geográficas, assim aprofundando e compreendendo os conceitos de lugar e da paisagem, a assim compreender o mundo em que vivemos e suas relações sociais com a natureza.

Na BNCC, no 6º ano, o sujeito e seu lugar no mundo, comparam modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. Analisar as modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade.

Os conceitos de lugar e paisagem são fundamentais para a compreensão do espaço geográfico e das relações entre sociedade e natureza. Eles funcionam como categorias de análise que permitem aos estudantes interpretar o mundo a partir de experiências concretas e significativas.

A geografia é a ciência do território e das relações que nele se estabelece. Eventos como a enchente de 1980 nos lembram que nosso planejamento sempre precisa considerar as dinâmicas naturais junto com as necessidades humanas.

A metodologia utilizada na pesquisa foi exploratória baseada nas entrevistas realizadas com as 4 (quatro) mulheres atingidas pela enchente de 1980 e a UHE. Para a elaboração da pesquisa foi preciso a ajuda de recursos bibliográficos, através de leituras de livros, artigos e publicações, e a realização de entrevistas. Em um primeiro momento foram realizadas entrevistas para entender a descrição dos novos sentidos dos ribeirinhos, como sua vida foi modificada e seus costumes a partir dos dois momentos históricos, a inundação natural e antrópica.

Trazemos a história do lugar (Filadélfia -TO) e modificação da paisagem no perímetro urbano da cidade e os danos causados pelos dois eventos das águas em 1980 e 2010. Segundo Troll (1997) “Toda paisagem se apresenta ao geógrafo dotada de uma certa fisionomia, relatando que cada um tem seu olhar sobre o lugar e seus espaços, suas mudanças na paisagem, ele não separa o “natural” do “humano [...]”, mas ver a paisagem com uma unidade espacial e ecológica. Já para descrever sobre lugar Holzer (2003) diz “[...] lugar é considerado conceito fundamental no estudo da

geografia. Pelo lugar podemos fazer a leitura de espaço e território, suas modificações a identidade do lugar e sua marca [...]”. Nesse sentido a paisagem é a cena observável e o lugar é o palco das vivências, mesmo que o lugar pode ter sua paisagem transformada como os eventos da enchente de 1980 e Barragem de Estreito (MA), as 4 (quatro) entrevistadas mantem seus laços afetivos com seu passado.

O lugar é a escala mais próxima da experiência humana, onde se estabelecem laços afetivos, culturais e históricos, espaço vivido, carregado de identidade, afeto e significados. A paisagem é a parte visível e sensível do espaço, formada pela interação entre elementos natural e não humanos. Ela é dinâmica e reflete as transformações sociais, econômica e ambientais.

Usamos a história oral que se relaciona à prática de entrevista com os encontros planejados antes da pandemia, gravados por diversas mídias, que ao decorrer do projeto são dialogadas, ou seja, em perguntas e respostas, que fazem um diálogo entre essas 4 (quatro) mulheres e compreender a relação dessas mulheres com as águas do Rio Tocantins. Trazendo também fotografias antes e depois tanto da enchente de 1980, quanto da barragem, para assim relatar as mudanças na paisagem. “As entrevistas devem permitir, mais do que dados informativos, entender situações propostas como problemáticas, com versões diferentes ou desconhecidas de fatos, ocorrências ou visões de mundo” (Meihy e Ribeiro, 2011, p.12).

Trata-se de resultados de histórias obtidas através de entrevistas com as moradoras do município de Filadélfia, situado no Estado do Tocantins. No qual narra as suas antigas relações com as águas do Rio Tocantins, desde 1980 até o ano de 2020, trazendo assim, as suas vivências com o lugar, além de expor as transformações que houve não só nas suas vidas como também nos seus hábitos e nos lugares que viviam.

A pesquisa decorre da grande área da ciência humana, subárea Geografia, abordando temáticas geográficas como lugar, Werner Holzzer (2003) foi um importante difusor e sistematizador do pensamento humanista na geografia, ele diz que lugar é mais que um simples local ou um ponto de coordenadas geográficas. É o conceito carregado de significados, cada lugar possui uma personalidade ou atmosfera própria, resultante da interação entre o ambiente físico, a história, a cultura

e experiências humanas. É a conexão profunda, emocional e existencial que um indivíduo ou grupo tem com um lugar.

Carl Troll (1997), foi um geógrafo e biogeógrafo, que discuti o conceito de Ecologia da paisagem para designar o estudo das relações funcionais e causais entre as comunidades biótica (biocenoses) e seu ambiente abiótico, dentro de unidades espaciais concretas (as paisagens). Para ele a paisagem não é apenas um cenário físico, mas uma síntese espacial e visual dos elementos naturais e antrópicos que interagem em uma determinada área. Troll (1997) usava as fotografias aéreas verticais (e, mais tarde, de imagens de satélite). Ele via como instrumento perfeito para análise geográfica e ecológica da paisagem, pensava a paisagem como um todo organizado, onde uma mudança em um componente provoca reações em cadeia nos outros (solo, hidrologia, microclima).

Em “A Paisagem Geográfica e sua Investigação”, redefine a paisagem como o objeto síntese da geografia, estudava através da lente da ecologia. Sua grande contribuição foi fornece um método (com o sensoriamento remoto como ferramenta) para analisar não apenas os elementos visíveis da superfície terrestre, mas principalmente as complexas relações ecológicas e espaciais que os conectam, promovendo uma visão integrada e holística do mundo natural e humanizado.

Meihy e Ribeiro (2011) trazem no livro “Guia Prática de História Oral”, um manual didático, com foco na metodologia da História Oral, tendo como objetivo democratizar o acesso às técnicas da história oral com clareza e objetivo.

Trivinos (1987) no livro “Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa Qualitativa em Educação”, traz o conceito que a pesquisa científica, especialmente na educação, não é um ato neutro. Ela precisa estar fundamentada em uma concepção de mundo, de vida e do ser humano que oriente toda a abordagem do investigador. Ele defende que o pesquisador em educação deve possuir uma disciplina “intelectual” e se vincular a uma corrente teórica coerente, pois é essa a base filosófica que determina os métodos e a interpretação dos dados.

Ítalo Calvino (1990) em sua obra “As Cidades Invisíveis”, usa a cidade como um símbolo complexo para explorar questões existenciais, memória, linguagem e a própria natureza da realidade urbana. Ele descreve 55 cidades de cada uma com o nome de uma mulher, porém não descreve cidades reais, mas ideias, sensações,

paradoxos e metáfora sobre a civilização urbana, a memória, o desejo, a linguagem e a própria natureza da realidade.

Henri Lefebvre (2001) no livro “O Direito à Cidade”, articula um conceito que vai além de um simples acesso físico à cidade. Trata-se de um manifesto político e uma crítica ao capitalismo urbano, que propõe uma transformação radical da vida nas cidades. Ele não defende apenas melhores serviços urbanos, argumenta que o capitalismo industrial transformou a cidade de um “valor de uso” (um espaço de vida, encontro e criação coletiva) em um “valor de troca” (uma mercadoria para especulação e lucro). Henri Lefebvre diz que o direito à vida urbana, transformada e renovada dá ao cidadão o direito a cidade, não apenas de acessar, mas de participar ativamente na produção do espaço urbano. É o direito de decidir como a cidade é planejada, vivida e apropriada. Direito de habitar e usufruir do centro da cidade, sendo um direito coletivo não individual, através de luta e da ação política para remodelar os processos de urbanização.

Assim também discuto a fenomenologia que é os estudos de todos os problemas, tomando a definição das essências de percepção: perceber o problema que os eventos das águas do Rio Tocantins causada por um evento natural do Rio e por um projeto do homem, trazendo as mudanças causadas nas vidas dessas mulheres de Filadélfia (TO). “A fenomenologia é uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma se não a partir de sua "facticidade" (Trivinos, 1987, p.43).

Trabalhamos com a entrevista de quatro mulheres que foram escolhidas por mim, porque são mulheres que convivi que me viram crescer e eram vizinhas dos meus pais. Quais tenho um afeto de carinho e respeito por suas trajetórias na cidade de Filadélfia (TO), conversei com cada uma pessoalmente em suas casas gravando áudios de suas falas e descrevendo os episódios que viveram, essas entrevistas foram feitas em 2019, antes da pandemia do COVID 19. Relataram suas vivências, o afeto pelo lugar que foram tiradas e pelo lugar que moram, as mudanças que ocorreram em suas vidas, tanto na enchente de 1980 e com na barragem em 2010, um evento ter sido natural não afetou tanto o lado emocional de cada uma como a barragem que as fez saírem de suas casas que viveram anos e anos para outro lugar no qual não tiveram escolha.

No presente trabalho iremos detalhar e espacializar a história de Filadélfia (TO), os acontecimentos dos anos de 1980 e 2010, especificando o que aconteceu em cada década, trazendo falas das quatro mulheres entrevistadas, também falaremos sobre as águas na cidade de Filadélfia (TO), trazendo o rio e sua história, a relação do rio com a cidade, no período urbano, a paisagem e as mudanças, trazendo também a relação das mulheres com a paisagem e o rio descrevendo suas semelhanças.

Discutiremos o lugar na área urbana da cidade, nos dois períodos de 1980 e 2010, descrevendo as mudanças do lugar, a relação do lugar com rio e as mulheres, assim dialogando com as quatro entrevistadas. Trazendo também as memórias dessas mulheres entrevistadas, fazendo assim diálogo das suas vivências com o lugar, mostrando o que mudou na paisagem, nas suas vidas durante e após cada evento, evidenciando as vozes e os seus sentimentos e afetos pelo lugar em que foram retiradas e as suas memórias.

## 2. ÁREA URBANA DE FILADÉLFIA (TO) E OS EPISÓDIOS DE 1980 E 2010

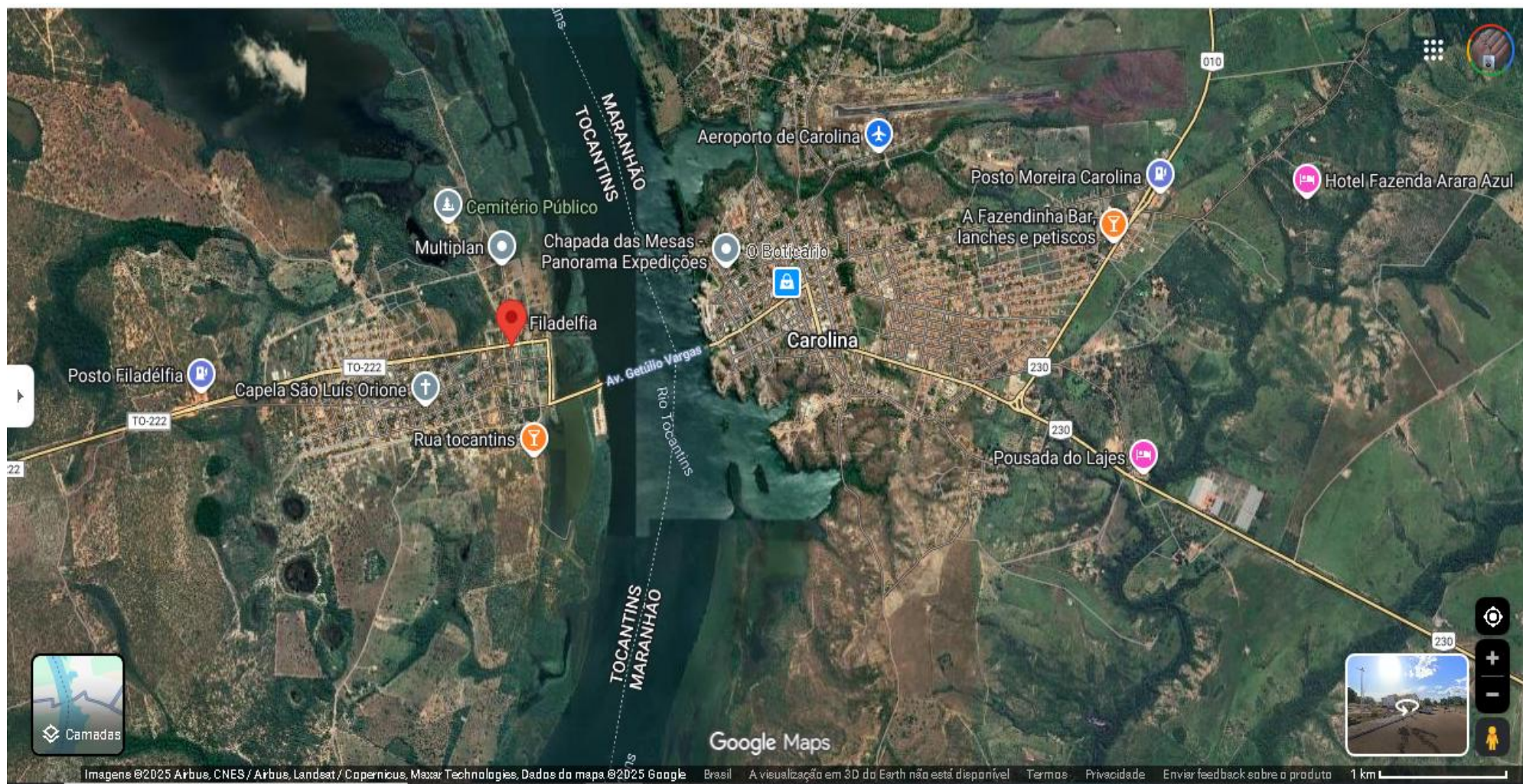
### 2.1. HISTÓRICO, ESPACIALIZAÇÃO, DE FILADELFIA (TO)

Filadélfia Tocantins uma cidade pacata e ordeira, fica localizada a margem esquerda do Rio Tocantins, fazendo divisa com Carolina no Estado do Maranhão (Figura 03). Estando a 512 km da capital Palmas do Tocantins, tendo a população estimada no último censo é de 7.712 habitantes (IBGE, 2022). Foi criada no ano 1948 pela Lei nº 154 de 8 de outubro de 1948 e instalada em 1 de janeiro de 1949, sendo o seu fundador o senhor Filadélfio Antônio de Noronha que iniciou a formação da mesma, vale lembrar que neste período fez parte do estado de Goiás e essa região era conhecida como “norte goiano”.

Na figura 05 podemos identificar a localização da cidade de Filadélfia (TO), as margens do Rio Tocantins fazendo assim divisa com a cidade de Carolina (MA). Segundo o historiador Raylinn Barros da Silva (2021), a cidade de Filadélfia foi, junto com a cidade de Tocantinópolis, antiga Boa Vista do Padre João, os dois principais centros urbanos e políticos da região do antigo extremo norte de Goiás, pelo menos até a década de 1960. Até que a cidade de Araguaína, que pertenceu à Filadélfia na condição de distrito até o ano de 1958, emancipou-se politicamente. O município conta com várias regiões e distritos, tais como a região da Barraria, os vilarejos “Zé Biel” ou “Bielândia”, “Canabrava”, “Mamoneira” e “Rodeador”. No interior do município também se encontra a comunidade Quilombola Grotão, já nas proximidades do Rio João Aires, divisa com o município de Palmeirante.

Filadélfia foi criada pela lei municipal nºs 55, de 05-08-1917 e 42, de 30-01-1924, sob a autoridade do Município de Boa Vista do Tocantins. Conforme o decreto-lei Estadual nº 1233 de 31-10-1938 o município de Boa Vista do Tocantins passando a ser chamado de Boa Vista. No ano de 1948 é denominada por Filadélfia pela lei Estadual nº 154 desmembrado do município de Tocantinópolis (ex-Boa Vista). Com a criação do estado do Tocantins, em 05 outubro de 1988, o município pertencia a Goiás, Filadélfia continuou com o mesmo nome (Figura 06)

Figura 05. Área de estudo atualmente



Fonte: Google Earth, 2025.

Figura 06. Município de Filadélfia (TO)



Fonte: Google Earth, 2025.

## 2.2. FILADÉLFIA(TO) NA DÉCADA DE 1980

O fenômeno natural, ocorreu em meados dos anos 1980, causas naturais ocasionaram, várias são as causas para isso acontecer, como intensificação das chuvas, ocupação irregular do solo, drenagem insuficiente dentre outros. As precipitações elevadas são fatores que contribuem para a ocorrência de enchentes e acúmulo de água em zonas não desejadas dentro de uma cidade.

A inundação de 1980, provocada pelo Rio Tocantins, pelo fen meno natural, nunca havia sido registrada antes pelos moradores, que acompanham o ciclo natural de cheias dos rios. Considerada maior inundação já vista, aproximadamente 70% das casas da cidade foram afetadas, a maioria eram feitas de adobe, entrevistada 1 [...] *assim da minha casa para lá caiu todas, eram tudo de adobe [...]*, material que se desfaz facilmente com a água, trazendo danos nas residências, levando a reconstru o geral da cidade, dentro da igreja matriz o nível de água ficou 30 cm de altura, sendo a única a não ser totalmente danificada. (Figura 07 e 08).

Figura 07. Igreja Matriz e onde ficou a água na enchente de 1980.



Fonte: Google, 2025. Disponível em <<http://filadelfia-to.blogspot.com/p/noticia.html> > Acesso em: 03 Dez. 2025.



*voltei para minha casa e tudo continuou como sempre [...], podem ver ao longo da entrevista com a mesma que o melhor foi a construção de sua nova moradia que foi destruída pela enchente.*

Já entrevistada 2 traz em falas seu sentimento ao ver sua casa ao chão [...] *Minha casa era de adobe que ela caiu quando cheguei que enxerguei já vinha fraca mesmo que vivia chorando para mim foi o fim [...]* podemos ver nessa descrição da sua fala a dano que a enchente fez na vida dela, que consigo veio a dor de perda de sua casa e ao longo da entrevista relata também a perda dos seus entes queridos, mas com sua força deu continuidade à sua vida e seu cotiando.

### 2.3. FILADÉLFIA (TO) NA DÉCADA DE 2010

Já em meado 2010 parte do município e suas terras agricultáveis foram atingidas pela UHE (Usina Hidrelétrica de Estreito), formando assim o lago da represa no Rio Tocantins. Trazendo consigo vários impactos nas áreas atingidas, como na cultura, no social e no ambiente. O deslocamento compulsório e a desterritorialização, assim modificando os hábitos dos ribeirinhos na pesca, como também dos pequenos agricultores com suas práticas de viver da terra, e com a formação do lago da hidrelétrica de Estreito ocorreu à eliminação da praia, essa perda interferiu nos hábitos do turismo e lazer regional, causando também impacto sobre a parcela da população, pois grande parte da renda na época de temporada das visitas, período de baixa vazante do rio em que se formam as praias que ocorria entre os meses de julho a setembro (Figura 09).

Na figura 09 podemos ver como ficou a beira Rio no começo da implantação da UHE (Usina Hidrelétrica de Estreito), na cidade de Filadélfia (TO). A entrevistada 1 diz o que mudou depois da barragem no rio Tocantins: “[...] *Só que encheu, mas não vi mudança assim quase, só que encheu o lago que ta cheio o lago que você ver que onde era o hotel ficou quase no meio né só isso só [...]*”.

Com a barragem o rio ficou mais largo, teve a perda da praia natural a entrevistada 2 diz [...] *Antes da barragem, você ver que o rio sempre teve aquela praia não era, dali para cá a gente sabe que é direto que até a gente pensava que saindo*

*de lá não tinha mais nada[...]* nos relatou o que foi dito da perda da praia natural e consequentemente a perda de ponto da economia da cidade.

Figura 09. Registro da área alagada.



**Fonte:** Google, 2023. Francisco dos Santos. Disponível em <<https://www.hiroshibogea.com.br/reservatorio-de-estrito-intranquiliza-populacoes/>> acesso em : 03 Dez, 2025

A UHE de Estreito teve 1.020 famílias deslocadas compulsoriamente, segundo os relatórios do EIA/RIMA, entretanto, o MAB destaca que aproximadamente cinco mil famílias foram deslocadas em decorrência da barragem de Estreito. Dentro do número de famílias deslocadas/desterritorializadas destacam-se os interlocutores do presente estudo, os moradores do Acampamento Coragem que, desde a implantação da usina, buscam formas de melhorias de vida, resistindo aos efeitos, ameaças e conflitos que o empreendimento causou e causa em suas vidas.

### 3. ÁGUAS EM FILADÉLFIA (TO)

O Rio Tocantins é uma parte central da geografia e da história de Filadélfia (TO), o rio é mais que uma simples “faixa de água que corre” é a espinha dorsal da paisagem, um recurso vital para a sociedade é a conexão entre a terra, a água, a vida e as civilizações. A entrevistada 3 diz: “ *O rio mudou muita coisa, o rio era uma água limpa uma água corrente que você banhava sem medo né [...]*” a entrevistada nos destaca como era o rio.

A paisagem não é apenas uma cena ou um panorama estático, é a porção visível do espaço formada pelos elementos naturais (relevo, rios, vegetação, clima) e os antrópicos (construção de barragens, estradas e agricultura), a paisagem carrega significados, histórias e identidade, a entrevistada 3 relata, “[...] *o tanto de água que era aqui, nunca secou isso aqui, era sempre essa água, baixava no verão, mas secar não secava não [...]*” nos descreve o sentimento por aquela paisagem naquele lugar. O escritor Troll (1997) fala que a paisagem é, portanto, uma unidade ecossistêmica espacialmente definida, no seu livro ele diz “Todas as paisagens refletem também transformações temporais e conservam testemunhos de tempos passados [...]”.

A relação entre rio e a cidade evolui ao longo da história e abrange dimensões geográficas, econômicas, sociais culturais e ambientais. Os rios são cruciais para o surgimento das cidades, trazendo água potável, fertilidade do solo e vias de transportes. Entrevistada 3 “[...] *O brejo aí esse daí esse aqui era uma água linda, tinha uma passagem, tinha não, tem uma passagem lá que você passava a água por aqui e água limpinha que era uma delícia [...]*”, a relação das mulheres com o rio são associados à sua fonte de vida (água), seu curso que atravessa a paisagem e seu poder de fertilização.

Assim como a mulher dá à luz, o rio dá vida aos vales e civilizações, rio flui de uma nascente ao mar como a vida humana, suas águas escodem mistérios, representando o inconsciente, a intuição e a sabedoria interior. A água do rio limpa, renova e permite transformações, assim como os ciclos de vida associados ao corpo feminino, a mulher pode ser vista como um rio, de força constante e paciente, de doação e nutrição e de ciclos, que carregam histórias e tradição, assim como um rio carrega seus sedimentos.

### 3.1. O LUGAR E ÁREA URBANA DE FILADÉLFIA (TO) NO PERÍODO DE 1980 A 2010

Lugar é o espaço vivenciado, carregado de significados, memórias, identidades afetos e histórias, é feito de experiências e narrativas. Lefebvre (2001), defende o direito à cidade, que é o direito de participar da produção do espaço urbano, transformando-o em lugar de vida e não apenas de consumo, a área urbana lugar, é onde o espaço ganha vida traz emoções através das experiências e relações das pessoas que vivem ali. É fundamental para ter a visão e enxergar a cidade não como uma máquina ou um mapa, mas sim como um tecido vivo de histórias, emoções e afetos.

A cidade de Filadélfia (TO), sofre por dois eventos em épocas diferentes e causas diferentes, no ano de 1980 vem pelo rio uma enchente, já nunca vista de tão grande proporção que faz a com as mulheres e suas famílias deixem suas casas e se abriguem em lugares mais altos da cidade quais não foram atingidos. A entrevistada 1 diz o seguinte “[...] *Eu vim para cá, uns 15 dias que eu passei aqui, depois eu voltei já para outra casa, porque não podia voltar para lá por causa da lama [...]*”, na sua fala relata quantos dias ficou em abrigo e como ficou sua casa, tendo que tirar as telhas do teto de sua casa pois foi a única parte da casa que ficou de fora.

Já a entrevistada 2 nos descreve o sentimento ao ver a situação da sua casa, “[...] *Milha casa era de adobe que ela caiu quando cheguei que enxerguei já vinha fraca mesmo que vivia chorando para mim foi o fim [...]*”, na sua fala podemos ver quanto foi afetada a sua vida, o sentimento pelo lugar e a mudança causada.

Já no meado do ano de 2010 vem a Usina Hidrelétrica de Estreito (MA), trazendo na bagagem perdas, danos e muitos sentimentos. As 4 (quatro) mulheres entrevistadas nos falam dos sentimentos de serem tiradas dos seus lugares onde viveram anos e anos com suas famílias. A entrevistada 1 diz: “[...] *A dificuldade que e tive mais foi de sair, mais tinha que sair [...]*”, aqui ela fala do sentimento de ser tirada do seu lugar, sem muitas conversas, sem muito tempo, tendo só pessoas para conversar para acalmar e aceitar as mudanças repentinas em sua vida.

A cidade vive uma transformação trágica do lugar tanto na enchente como na barragem de Estreito (MA), na enchente o período o urbano, ou seja, o lugar foi

dominado pela água, derrubando as casas que eram feitas de material frágil tendo assim que ser reconstruídas do zero, mudando assim o lugar que era. Na barragem veio a destruição do lugar, as casas atingidas foram demolidas, o cartão postal da cidade “beira rio”, onde ficava o famoso “HOTEL PIPES”, e a famosa praia natural foi devastada, encontrada na figura 10. Com isso a cidade perdeu sua identidade o que ela achava mais bonito e convidativo, os atrativos da mesma forma “água abaixo”, a das mulheres entrevistadas diz: “[...] *tinha aquela praia bonita de mais, meu Deus do céu [...]*”, o sentimento de perda relatado por essas mulheres, as quais usavam essa praia para lavar roupas, pescar, ter um cotidiano, “[...] *a gente ia lavar roupa lá estendia aqueles cobertos naquela praia limpinha [...]*”.

Figura 10: Praia de Filadélfia (TO), em 2008



Fonte: Google Imagens, Filadélfia (TO), Data: 12.07.2008

O lugar e sua relação com o rio, é um conjunto de significados, práticas, memórias e relações ecológicas que se constroem a partir da convivência e interação com o rio, um conceito da geografia humana diz que o lugar não existe sem o rio, e o rio ganha significados através dos lugares formas e pelas vidas que o sustenta. A cidade é um sistema complexo de espaço e fluxo, o lugar é a escala da experiência, do significado e do afeto, a qualidade de vida urbana está diretamente ligada à capacidade que a cidade oferece, lugares autênticos, diversos e inclusivos, com descrição de sentimentos e afetos por cada lugar.

A relação entre o lugar e as mulheres é uma relação de poder, o controle sobre seus corpos e os espaços que as mulheres ocupam. É o mecanismo central de manutenção de hierarquias de gênero, a reivindicação e a reinvenção desses lugares, físicos, simbólicos e políticos, cerne a luta feminista por autonomia, igualdade e existência plena. A geografia de gênero, com estudos feministas da geografia traz as mulheres experiência a cidade de maneira diferente, com medo de assédio, com deslocamento que articulam trabalho remunerado cuidado com os filhos e tarefas domésticas, criando assim sua própria cartografia.

### 3.2. ÁGUAS E MEMÓRIAS E AS MULHERES EM FILADÉLFIA (TO)

Nesse trabalho foi escolhido 4 (quatro) mulheres para serem entrevistadas e descrever um pouco das suas vivências nos dos eventos das águas no ano de 1980 e no de 2010, mulheres essa que acompanhei sua trajetória e vidas desde que nasci ali em Filadélfia (TO), onde as mesmas eram vizinhas de meus pais. Mas sempre trouxe com referência de mulher para essa definição a pessoa de minha mãe (*em memória*), a qual sempre contava sobre a enchente como tinha sido e viveu a barragem juntamente com essas quatro mulheres. Mulheres de força, de dedicação, com história de vida expiradoras, que fizeram ter vontade de trazer a visão dela para a elaboração deste trabalho.

As mulheres não são apenas vítimas passivas da paisagem; elas a transformam, resinificam e criam espaços, é um campo de batalha e de criação, onde as mulheres constantemente negociam, resistem e reinventam seus lugares no

mundo. Em muitas sociedades, as mulheres foram (e ainda são, em certos contextos) excluídas de espaços nos quais pedem suas falas, a luta pelo direito a ocupar lugares que antes eram proibidos. A presença de mulheres em protestos, em posições de liderança, em esportes, em viagens solas, representa uma transgressão espacial, o lugar da mulher não é uniforme, é marcado por raça, classe, sexualidade, deficiência.

A geografia feminista busca compreender como as relações de gênero, com outras categorias como raça, classe, sexualidade e nacionalidade, elas produzem e são produzidas pelo espaço, não trata apenas de “adicionar mulheres” aos estudos geográficos, é o campo que analisa com a relação de gênero, poder e identidade moldam o espaço geográfico e a experiência das suas vidas na cidade. As lutas das mulheres pela conquista do voto, pelo trabalho fora de casa, pela presença nas academias, na arte, na política, é uma luta pelos seus direitos de ocupar lugares que antes eram proibidos, com tudo hoje o lugar da mulher é onde ela quiser.

O Direito à Cidade do autor Lefevre (2001), numa perspectiva feminista diz que, é mais do que acesso à infraestrutura, é o direito de habitar, de existir plenamente no espaço urbano sem medo, de participar das decisões sobre seu bairro, usufruir da cultura e do lazer. Movimentos de mulheres reivindicam participar das decisões sobre orçamento, mobilidade, habitação e segurança, trazendo experiências como o urbanismo participativo como perspectiva de gênero, mostrando que quando as mulheres planejam, a cidade se torna mais inclusiva para todas as pessoas.

Para discutir e nos esclarecer sobre esses dois impactos causados no rio e a mudança na cidade, entrevistamos quatro mulheres que vivenciaram tanto a enchente de 1980 como a barragem de 2010. Trazendo consigo suas vivências e história vistas e vividas a cada ano, descrevendo as mudanças na paisagem e no lugar pelos seus olhares. Para identificar essas mulheres usamos as entrevistas feitas antes da pandemia, feita com mulheres que eu tive relações de afeto por morarem próximas a casa dos meus pais, que cresci vendo suas lutas e trajetórias.

Dialogando com elas tive como relatar suas experiências com os dois eventos por terem vividos e presenciados os mesmos. A entrevistada 1 relatou que, na enchente de 1980 as águas subiram devagar veio no intervalo de 2 dias até chegar à sua casa “[...] *uns dois dias que ela chegou lá em casa, entrou pelo fundo, por ali na área do sesp era onde entrava primeiro [...]*”, nessa condição que ela foi levada para

a parte alta da cidade aonde a água não teria ido, que após uns 15 dias ela voltou para a parte atingida, mas não para sua própria casa. Disse que, o que mudou na sua casa foi que teve que melhorar como as casas eram feitas de barro, foram feitos reparos na sua casa, pelo fato de terem rachaduras na parede, não haver reboco, que após a enchente isso tudo foi feito fazendo com material mais resistentes.

A entrevistada 2, relatou que sua casa foi ao chão com a enchente “[...] *minha casa era adobe que ela caiu quando cheguei que enxerguei já vinha fraca mesmo que vivia chorando para mim foi o fim [...]*” que com a destruição da sua casa alguns entes queridos vieram a falecer, que só após algum tempo ela conseguiu retornar a seu cotidiano.

A entrevistada 3 descreveu que a enchente foi algo inesperado, não estavam esperando “[...] *Eu mesmo não estava, ai foi chegando, foi chegando [...]* até que chegou na minha casa, alagou minha casa, eu tive que mudar para uma usina de arroz [...]”, que consigo veio muitas coisas entre elas doenças, muito sofrimento por ter que mudar de suas casas e perderem seu lugar e ter que reconstruir suas vidas. A entrevistada 4, não estava na cidade quando aconteceu a enchente o que conseguiu relatar é o mesmo que os outros moradores.

A entrevistada 1 faz seu relato sobre a barragem de 2010, ela começa me contando sua vivência de como aconteceu “[...] *A barragem foi mais difícil assim, porque ia sair de uma vez como eu sai [...]*”, falando da dificuldade que teve de sair do seu lugar aonde viver por muitos anos, também falou do que mudou na sua vida após ser tirada da sua casinha para outro lugar ela me disse “[...] *Mudou assim o contato com os vizinhos, ficou um para aqui outro para acolá, a gente se encontra, mas não é como era, você sabe que aquela rua era família [...]*”, a rua aonde morávamos (porque eu morava na mesma rua, era a casa dos meus pais) os vizinhos tinham o hábito de se reunirem pela manhã para o cafezinho com a vizinhança e a noite para conversarem, e essa mudança repentina na sua vida foi algo que eternizou em sua memória.

Continuando com a entrevistada 1, eu pergunto a ela o que fez para que a rotina que ela tinha antes da barragem voltar “[...] *Primeiro passei um ano sem adaptação aqui eu ia era muito na casa do povo caminhei muito na rua, depois passei de ano eu comecei a mexer assim e plantio que até as meninas dizia assim “parece que tá se*

*lembrando[...]” aqui ela me fez uma análise de que a volta da rotina foi o que fez com que ela não perdesse a memória do lugar, as outras companheiras e vizinhas não voltaram as suas rotinas e perderam suas memórias.*

A entrevistada 2 quando pergunto o que mudou na vida dela depois da barragem me diz, “[...] *só que vim de lá porque lá nos gosta de dizer assim do mercado para cá o pessoal parece que é outro é como uma cidade vizinha [...]*”, enfatizando o que a entrevistada 1 fala da rua que moravam e a saudade do seu lugar. A mesma me diz as dificuldades que a barragem e a enchente trouxe a ela “[...] *A gente abandonar o lugar da gente, é como eu to falando antes era de um jeito aqui a gente precisa se adaptar aos poucos, aos poucos depois né só que na idade que a gente já está é difícil sempre fica com aquilo na cabeça, se tivesse lá era assim ou assado, sempre gosto de dizer isso [...]*”, descrevendo a perda e o sentimento pelo seu lugar de onde foi tirada.

Nesse momento da entrevista a entrevistada 2 me diz: “[...] *Então não posso dizer que tão ruim foi, agora a lembrança que tem dentro de mim, de você e você ninguém tira só Deus e o juízo é só Deus porque quando o juízo vai embora [...]*”, me fez lembrar da minha infância onde a mesma me acompanhou todo meu crescimento.

A entrevistada 3 diz sobre a muda na sua vida depois da barragem “[...] *Mudou muita coisa sabe porque é a gente nunca conforma né com mudança por que gente morou toda vida ali né a gente não [...]*”, relata seus sentimentos de mudança na sua vida. Ela fala sobre as melhorias pós barragem “[...] *Para mim não achei não, nenhuma melhora. Porque tá do mesmo jeito né não trouxe nada de bom, a vantagem foi só que ele fez o povo sair de onde estava de muitíssimos anos todos que saíram não tem uma pessoa [...]*”, descreve os sentimentos sobre seu lugar que não tinha uma pessoa da sua rua que estaria feliz em sair daquele lugar, falando que suas vizinhas até hoje sofrem pela mudança. A mesma me relata o que mudou na sua renda depois da barragem “[...] *Acabou né que o cocal acabou né, de lá acabou tudo né, tudo que a gente fazia por lá essas coisas assim [...]*”, ela trabalha com vendas de azeite de coco, sua renda foi afetada, todos as suas fontes de rendas foram atingidas pelas águas.

Já a entrevistada 4 fala o que mudou na sua vida depois da barragem “[...] *Olha, por umas partes boa, por outras não foi, a gente morava a 49 anos numa casa e ter que sair, deixa muita saudade né [...]*”, falando sobre o sentimento de saudade do

lugar onde viveu por muitos anos e tinha toda uma vida com sua família. Diz que teve a melhora de ser retirada para uma casa melhor da que morava antes, mesmo assim, fala da saudade e do sentimento ruim de ter sido tirada do seu lugarzinho, “[...] *saudade é grande demais, do meu lugarzinho, de onde eu nasci, me criei, muita saudade né [...]*” é nítido a falta que cada mulher sentiu do lugar que foram retiradas.

Ela me descreve ao importante os problemas de saúde que teve após ser retirada como pressão alta “[...] *me pressionaram demais sair da casa antes do tempo [...], que fez a mesma ficar depressiva e a mãe de 84 anos ter um AVC fácil por não aceitar a mudança repentina [...]* ela chorando para não sair de casa, então ela foi muito afetada, mais do que eu, por causa da idade também né [...]”. Relatando o que sentiu com toda a mudança do seu lugar onde viveu muitos anos, com sua mãe e sua família e como não foi fácil todo o processo de aceitação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

Este estudo permitiu apresentar cidade de Filadélfia (TO), localizada na região norte do Estado, que fica margens do Rio Tocantins, a partir de sua história e relação com os eventos acontecidos em função das águas do Rio Tocantins. Vale lembrar que as mulheres dessa região foram sempre as atingidas mais invisibilizadas suas relações com o lugar propicia a mudança de paisagens muito particulares. A história oral nos conduziu para uma leitura geográfica de quatro mulheres, que foram entrevistadas e descreveram os acontecimentos e toda a mudança na área urbana de Filadélfia (TO).

Outra questão que este trabalho apresentou é que foi abordado uma amostra simples, por meio de quatro narrativas, mais inúmeras outras foram impactada por uma área significativa e com forte referências e memórias, paisagem que não são as mesmas porque essas terras inundadas atingiu diretamente inúmeras pessoas nestes treze municípios; Carolina e Estreito no estado do Maranhão e Aguiarnópolis, Babaçulândia, Barra do Ouro, Darcinópolis, Filadélfia, Goiatins, Itapiratins, Palmeirante, Palmeiras do Tocantins e Tupiratins no Tocantins. Ao historicizar os eventos que ocorreram no núcleo urbano de Filadélfia (TO) em relação ao Rio Tocantins, permitiu registrar o rio e as mudanças no lugar e na paisagem da mesma.

A história de Filadélfia (TO), evidenciada nos dois eventos das águas, tanto na natural como antrópico na cidade, que foi a enchente de 1980 e a UHE (MA), apresentou os danos causados pelas memórias e sentimento das mulheres, perderam suas referências territoriais ao ser deslocadas para outro lugar e tendo que reconstruir suas vidas

Neste trabalho tem como objetivo levantar as mudanças da paisagem no núcleo urbano de Filadélfia (TO), a parti de 1980 e no ano de 2010, analisamos as narrativas das quatro mulheres atingidas pelos dois eventos. Contamos as histórias vividas por essas quatro mulheres, buscou-se compreender a relação delas com as águas do Rio Tocantins, as mudanças no lugar a partir dos seus olhares. Relatando as suas vivências e histórias, sobre os impactos emocionais, perdas de bens materiais e suas desterritorialização e a construção de novos hábitos, e também compreender suas lutas e as relações após cada evento.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso: 22 de junho de 2019.

CALVINO, Ítalo: **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

EIA/RIMA. Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), Política Nacional do Meio Ambiente (Lei nº 6.938/81) e na Resolução CONAMA nº 01/86. , 2005

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **Revista Geographia**, Niterói, v. 5, n. 10, 2003. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13458?articlesBySimilarityPage=2>.

DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2003.v5i10.a13458>.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Censo de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE. 2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Censo de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE. 2010. Disponível em : <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso: 30 de novembro de 2025.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MEIHY, José Carlos S. B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia Prático de História Oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTIAGO, Carlos Leen. **O Estreito Desenvolvimento**: história dos conflitos socioambientais da barragem. Imperatriz, MA: Ética, 2014.

SILVA. Raylinn Barros da. **História de Filadélfia** (TO). Prefeitura de Filadélfia. In: <https://filadelfia.to.gov.br/historia/>. 2021. acesso:05 de novembro de 2025.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Editora Atlas. 1987.

TROLL, Carl. **A Paisagem Geográfica e sua Investigação**. Espaço e Cultura, 1997.